

Intervenção-corpo-jardim: experiência estética e ensino de arte

*Intervention-body-garden:
aesthetic experience and teaching of art*

URSULA ROSA DA SILVA* & MARTA LIZANE BOTTINI DOS SANTOS**

Artigo completo submetido a 30 de abril de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

*Brasil, professora de Filosofia da Arte. AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes. Rua Alberto Rosa 62, Pelotas, Rio Grande do Sul, CEP 96010-770, Brasil. E-mail: ursularsilva@gmail.com

**Brasil, professora de artes. AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes Rua Alberto Rosa 62, Pelotas, Rio Grande do Sul, CEP 96010-770, Brasil. E-mail: marta.lizane@gmail.com

Resumo: O modo como aprendemos é composto de muitos elementos, alguns esquecidos pela escola. Para conhecer algo, precisamos antes querer perguntar sobre este algo. A experiência estética, precisa ser algo também vivenciado pelos sentidos. Neste artigo, abordamos uma reflexão sobre a importância da experiência estética na formação de professores. **Palavras chave:** formação / corpo / experiência estética.

Abstract: *The way we learn is composed of many elements, some forgotten by the school. To know something, we must first want to ask about this something. Aesthetic experience must also be something experienced by the senses. In this article, we discuss a reflection on the importance of aesthetic experience in teacher's formation.* **Keywords:** *formation / body / aesthetic experience.*

1. Os primeiros fios...

Este texto foi motivado por questões do evento Congresso Matéria-Prima, a saber: “Como o professor da escola básica e secundária tem agido enquanto criador de aproximações e abordagens do ensino das artes?” e, “Quais os paradigmas e metodologias que os professores, nas Universidades, Institutos de Educação, Faculdades, têm utilizado na formação do professor de arte?”

Partindo destas indagações pensamos que o modo como aprendemos é composto de muitos elementos; alguns destes são esquecidos pela escola, como o espanto, o corpo que sente, a experiência estética. O espanto é uma reação do corpo frente a algo que nos surpreende e, de algum modo, nos mobilizar para o novo. Para conhecer algo, precisamos antes querer perguntar sobre este algo, isso move a pesquisa e o aprendizado. Nas artes, assim como na filosofia, o espanto, a curiosidade e a pergunta podem ser provocadas. É pensando no ensino de arte como provocador da curiosidade, do aguçar o olhar que vemos a importância de que a experiência estética seja um dos modos de exercitar esta provocação na escola.

A experiência estética, além de conteúdo para a formação de professores de artes, precisa ser algo também vivenciado pelos sentidos, pelos corpos dos estudantes, futuros professores. Tomando como referência a definição de Larrosa, para quem a experiência estética é um atravessamento, passar por uma experiência é algo que deve nos transformar, entendemos que na formação docente deva haver experiências com arte transformadoras e que possibilitem rever metodologias no ensino na escola.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (...) Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2002:21)

Por outro lado, as metodologias, por si só, nada garantem se o estudante, por sua vez, não estiver motivado, se ele não participar com uma predisposição para aprender e para vivenciar o que aqui chamamos de experiência estética: esse atravessamento do corpo por algo inesperado, encantador, inundado de beleza ou transbordado de afeto, algo que desloque os significados para nos inspirar novos caminhos: que pode estar na arte, na vida ou na natureza. Como afirma Marcos Pereira:

Uma experiência estética (...) se assemelha ao estado de espírito daquele que se apaixona: no encontro com seu amado, se inaugura um tipo de relação que não é de dominação, mas de composição, de arranjo, que desloca boa parte das referências que até então o constituía e o projeta numa espécie de abismo. É aquele momento em que faltam palavras para dizer, para descrever. Falta matéria racional para explicar o que está se passando. Algo começa a existir em mim que não consegue via de expressão ou comunicação conhecida. (Pereira, 2011:116).

No caso da escola, este encontro pode acontecer no ensino de arte, desde que exista um olhar, uma atenção do corpo para viver experiências estéticas. O professor pode ser o provocador desta atenção. A formação passa pelo convívio cotidiano com alunos e pelo compromisso mútuo de professor e estudante. E esse cotidiano, como define Fernando Hernández (2007), demanda que se desenvolva uma percepção aguçada para ver o novo no “mesmo”, ou seja, o mundo é o mesmo todos os dias, as pessoas são as mesmas, ou pensam ser, o segredo está em perguntar “quem vê?” e “o que vê?”. Aquele que se coloca num estado de predisposição para ver o novo vai sempre buscar outras formas de significação, não vai se acomodar com os significados dados e vividos no dia-a-dia pelo senso comum.

Ao tratar de corpo, de espanto, pensando na perspectiva do encontro, não o encontrar alguma coisa ou alguém, mas sim de se encontrar, um encontro que nos arrebate. Deste modo, aguçar o olhar é espantar-se, é desertar a sensibilidade, é tornar este corpo instrumento... A imagem que faço de mim e sinto com todas as células que me compõem meu entorno, sou a experiência que faço disso um acontecimento, uma singularidade.

A educação do corpo, atualmente assume um papel significativo como prática pedagógica, pois o ser humano está em constante transformação e, neste sentido, é preciso novas alternativas para o ‘fazer pedagógico’, que produza sentido, que faça gerar inquietações, que permitam um entendimento mais reflexivo acerca de questões corporais. Perceber e estudar o corpo a partir das suas singularidades, dos atravessamentos que os conduzem a intenções e formas de percepções do mundo.

Este artigo foi escrito a quatro mãos, numa narrativa que se alterna entre primeira pessoa: eu e nós. Trazemos aqui experiências vivenciadas no espaço acadêmico, no âmbito da formação de professores na Universidade, bem como, no ambiente de uma escola pública, com turmas de Ensino Médio.

2. Tecendo a trama: Intervenção-corpo-jardim

Uma das experiências que trazemos neste texto, e uma reflexão sobre a importância da experiência estética na formação superior, foi apresentada em uma das práticas feitas na disciplina *Desenho do corpo, o corpo que desenha*, no curso de Mestrado Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas — UFPEL, no Brasil. A atividade foi nomeada ‘Intervenção-corpo-jardim’, e tem como base uma metodologia cartográfica de pesquisa. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (Kastrup, 2008:469).

Como proposta de avaliação havia a necessidade da entrega de um trabalho que poderia ser um seminário poético, performance ou instalação ou outra forma livre de apresentação. Minha inquietação era oferecer algo que em algum momento nesta disciplina havia me tocado. A primeira providência foi comprar sapatos, resolvi que seriam usados, pois há o signo da caminhada impregnando estes artefatos, uma forte referência aos percursos traçados, as singularidades, a caminhos... Pus-me em brechós (NB: loja de artigos usados) pela cidade procurando a matéria-prima de meu trabalho. Distintas formas e modelos, cores e odores, a diversidade de minha sala de aula, de tantas outras salas de aula, pés que caminham livres, pés presos... Confesso que alguns pares de sapato busquei tentando imaginar qual de meus colegas iria se identificar. Por alguns momentos me perdia nas imagens que se criavam, e em suas vontades de querer passagem... Havia ainda alguns itens que faltam para confeccionar esta atividade: flores, adubo, terra, regador e utensílios de jardinagem.

O local escolhido para a realização do trabalho foi o pátio do Centro de Artes, no jardim entre dois prédios. No dia da intervenção, preparei com cuidado todo o material e dediquei-me a um momento de introspecção, de silêncio, momentos em que um segundo leva anos para terminar. É o corpo que quer se comunicar, que fala na solidão, um cuidado que despertei nesta disciplina com alguns encontros que tive com algumas leituras oferecidas.

Em sala, após as apresentações dos colegas convido-os a descer, neste momento, percebo os deslocamentos, de humor, de vontades, de interesse... Ao chegarmos ao local que pensei ser o mais adequado disponho os sapatos, as plantas e os utensílios para então fazermos a atividade. De imediato todos entenderam a proposta. Sol, calor, terra, água, pássaros uma frondosa árvore que nos brinda com sua generosa sombra e um grupo de alunos e professores ávidos a escolher sapatos, lugares e plantas. A interação de todos com os materiais dispostos se da de uma forma tão harmônica que penso que os fins se cumpriram. É aqui que foram disponibilizados os materiais para realizar a atividade.

De início alguns estavam tímidos, mas logo um colega pegou uma bota e



Figura 1 · Uma bota e sua planta

Figura 2 · Sapato azuis, nylon e uma árvore Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas/RS, Brasil. Fonte própria

daí por diante se seguiu um caleidoscópio de ações e movimentos em fluxos contínuos e descontínuos que construíram deste modo um mosaico de ações, produzindo/compondo um jardim-movediço. Nesta proposta de atividade, os colegas e professores trouxeram consigo intenções que não eram as minhas, mas agenciaram-se, distorceram-se, criaram um mundo singular. Para todo lado que fotografo, uma imagem se faz, um segundo único capturado e repleto de significados, intenções e signos, uma imagem refletida na lente dos meus olhos, por todos os cantos desse jardim movediço que cria uma história, uma narrativa. As imagens falam por si, flores e sapatos e informações diferentes imagens que reverberam em um pretérito infância (Figura 1 e Figura 2).

Com uma bota cheia de terra e uma planta assentada nela esta imagem, trata de falar sobre desconstrução, de darmos outros signos aquilo que nos interessa, de singularizar o que esta posto e criar, e percebermos que o que esta dado pode assumir outras perspectivas.

Ao desconstruir a utilidade dos vários sapatos, reinventamos outro sentido para eles, para o caminhar, para o encontro. A planta mostra-se potente de estar em qualquer ambiente, seja no mais inesperado. Minha proposta inicial para a desconstrução dos sapatos seguiu um caminho próprio, a criatividade, os sapatos deram voz as devires outros. O modo de aceitar um deslocamento de significados e se colocar em situação de criar algo novo, despertar novas percepções do espaço e do tempo que nos envolve, e se colocar nesta relação estética de fruir o mundo.

3. Intervenção Jardim de Sensações

A outra experiência aqui apresentada aconteceu em fevereiro de 2018, na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita, em Pelotas, Brasil. Nesta escola realizou-se um projeto, organizado pelas professoras das disciplinas de Filosofia, Artes e Sociologia.

As professoras propuseram aos alunos que fizessem uma releitura das obras de cinco artistas, de modo que pessoas com deficiência visual pudessem ter uma experiência sensorial destas obras. O objetivo inicial era o de incluir alunos com deficiência visual na vivências de obras de arte. Essa necessidade surgiu pelo contato que eles tinham com um aluno cego que chegou nesta escola no Ensino Médio. O que ocorreu, é que, na verdade, ao invés de ser incluído pelo grupo, este aluno se tornou motivo para que os outros quisessem estudar e buscar mais conhecimentos, pois o aluno cego era muito estudioso, fazia todas as tarefas e tirava as melhores notas.

O estudo e o processo para a montagem das obras levou cerca de dois meses,



Figura 3 · Pessoas lendo o texto da proposta de releitura da obra *Mulher de Sombrinha*, de Monet. Foto: D. Grillo.

Figura 4 · Sala da releitura da obra *Mulher de Sombrinha*, de Monet. Foto: D. Grillo

entre pesquisa sobre vida e obra dos artistas escolhidos e, principalmente, pesquisa sobre a proposta estética que o artista tinha em sua produção artística. Após a pesquisa e a escolha da obra, então começava o processo para elaborar a montagem de sua releitura com acessibilidade para pessoas cegas. Os artistas e as obras escolhidas foram: *O Sono*, de Salvador Dalí (Figura 5); *O Grito*, de Edvard Munch; *A Dança*, de Henri Matisse, *Mulher com Sombrinha*, de Claude Monet (Figura 4) e *Borboleta*, de Romero Brito. Cada obra foi montada por um grupo de 4 a 5 alunos, que utilizaram uma sala de aula para cada obra.

A comunidade e todos os alunos da escola foram convidados a passar um sábado pela manhã experimentando obras de arte! O desafio maior era não apenas fazer uma obra para ser tocada, mas para ativar todos os sentidos: o tato, o olfato, a audição, o paladar, assim, com cheiros, aromas, texturas, música, vento, perfumes, água, eles usaram de tudo o que foi possível a sua imaginação para provocar os espectadores, que entravam, um de cada vez, na sala com os olhos vendados, para simular a ausência de visão, acompanhados por um guia do grupo. Do lado de fora da sala, estava um texto falando do objetivo daquela releitura e quais elementos o grupo destacou para serem sentidos (Figura 3). Junto ao texto, uma imagem da obra original que serviu de inspiração para aquela experiência.

Como partícipe desta experiência, na qualidade de espectadora, posso dizer que foi um das mais emocionantes momentos que vivi relacionados à arte e à escola. Primeiro como professora, pois uma das professoras proponentes foi minha aluna na universidade, este foi para mim uma resposta para aquela pergunta: será que estamos formando bons professores? Em segundo lugar, por confirmar a concepção de que a experiência estética pode estar presente como conteúdo e como vivência na escola, e quando ela é realmente vivida há transformação na vida das pessoas. O que Larrosa nos diz a respeito da experiência estética com sendo algo pelo que passamos, que nos atravessa e a partir do que deixamos de ser os mesmos, há um deslocamento, uma nova perspectiva sobre o mundo. E foi este novo olhar que percebi naqueles jovens, que estavam muito felizes por terem conseguido executar um trabalho fascinante, envolvente, emocionante.

Motivada por aquela vivência inesquecível, além de participar desta atividade na escola, convidei os alunos para levar aqueles trabalhos para serem montados e experimentados no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, um mês depois daquele sábado ensolarado e marcante. O objetivo era provocar os estudantes de Artes, futuros professores e artistas, a pensar sobre essas possibilidades de dar acesso à arte de outros modos que não os visuais. O

convite foi aceito com alegria e muita apreensão por terem que se apresentar na universidade.

4. A Costura: Para Amar a Arte

Finalizando o texto, trazemos o relato de um professor, mestrando em formação, que participou desta experiência estética realizada no Centro de Artes. Ele intitulou sua experiência PARA AMAR A ARTE... Acreditamos na força da experiência estética como deslocamento para nova percepção de mundo e este texto confirma tudo o que percebemos naquele dia, da maioria dos que participaram deste momento, professores e estudantes.

Ontem pela manhã... tive uma experiência deliciosa... que merece ser compartilhada aqui... Era uma proposta de experimento artístico que estava sendo desenvolvida por um grupo de alunos do ensino médio de uma escola de Pelotas... à convite do Centro de Artes da UFPEL... Os alunos divididos em grupos pela professora de Filosofia... que estava trabalhando Estética com os alunos... deveriam escolher a obra de um artista das Artes Visuais... e propor uma releitura... (...) as ideias tomaram o rumo de experimentos sensoriais onde a visão dos expectadores era suprimida... Éramos então vendados(as)... e conduzidos(as) por um universo de impressões sensitivas... que despertavam os sentidos e rememoravam registros corporais... Fiquei impressionado com a força do trabalho realizado pelos alunos... seu envolvimento e prazer nas atividades... pois estavam desde a manhã bem cedo lá no Centro de Artes... organizando tudo... Fiquei impressionado com o trabalho da professora... sempre acompanhando tudo... sua dedicação era visível... sobretudo quando relatava os processos de desenvolvimento do trabalho... seus olhos faiscavam! Fiquei emocionado em perceber como uma atividade educativa / artística... bem conduzida... por um professor(a) comprometido(a) pode ter frutos surpreendentes... Este tipo de ação... eleva nossa alma... pois nos faz acreditar que nem tudo está perdido... e que sempre onde ainda houver uma fagulha de vida... a arte estará presente para ampará-la... Estas ações nos motivam... a produzir outras ações... e a partilhar sensibilidades... sabores e saberes... (...) felizes daqueles(as) que lutam... para que a chama ardente... possa queimar dentro de nós em todo o seu fulgor. ARTE SIM!!! ARTE SEMPRE!!! (Alex Almeida, Relato publicado em facebook, março de 2018).



Figura 5 · Releitura da Obra *O Sono*, de Salvador Dalí.
Montagem no Centro de artes da UFPel em março de 2018.
Foto: D. Grillo

Referências

- Oliveira, M. O. de, Hernández, F. (2007) *Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*, Santa Maria, Editora da UFSM.
- Kastrup, V. (2008) "O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção" In: Castro, L. R. de; Besset, V. L. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489.
- Larrosa, Jorge. (2002) "Notas sobre a experiência e o saber de experiência", *Revista de Educação*. Jan/Abr/ n.19.
- Pereira, M. (2011) "Contribuições para entender a experiência estética", *Revista Lusófona de Educação*, 18.